

Fogo no parquinho

Fogo no parquinho

Namoro à luz da Palavra de Deus

YAGO MARTINS



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2022 por Yago Martins

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo as seguintes indicações: *Almeida Revista e Corrigida* (RC), *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª edição (RA) e *Nova Almeida Atualizada* (NAA), da Sociedade Bíblia do Brasil; *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblia, Inc.; e *A Mensagem*, de Eugene Peterson, da Editora Vida.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

M347f

Martins, Yago

Fogo no parquinho : namoro à luz da palavra de Deus /
Yago Martins. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2022.
208 p.; 21 cm.

ISBN 978-65-5988-160-4

1. Casamento - Aspectos religiosos - Cristianismo.
2. Cônjuges - Aspectos religiosos - Cristianismo. I. Título.

22-79207

CDD: 248.844

CDU: 27-452

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Edição
Daniel Faria

Revisão
Natália Custódio

Produção
Felipe Marques

Diagramação e capa
Marina Timm

Colaboração
Ana Luiza Ferreira
Matheus Fernandes

Ilustração de capa
Guilherme Match

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Relacionamentos

1ª edição: outubro de 2022

Para Miguel Alysso e Milca Magalhães,
que me presenteiam com
amizade duradoura e fiel.

Se não fosse tão horrível, seria ridículo, o orgulho e a presunção com que nós, como crianças, desmontamos o relógio, retiramos a mola, fazemos dela um brinquedo e depois ficamos admirados, ao ver que o relógio parou de funcionar.

LIEV TOLSTÓI¹

— [...] não somos amantes. Aquele beijo foi um acontecimento fortuito, um grave erro que, se não podemos reparar, tampouco devemos repetir. [...]

— [...] Acaso podes apagar o beijo que me deste?

JOÃO UBALDO RIBEIRO²

¹ Liev Tolstói, *Uma confissão* (São Paulo: Mundo Cristão, 2017), p. 81-82.

² João Ubaldo Ribeiro, *Viva o povo brasileiro* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2014), p. 522.

Sumário

| | |
|--|-----|
| Prefácio | 9 |
| Introdução | 13 |
| 1. Namoro não existe | 15 |
| <i>Resgatando o padrão de relacionamento cristão</i> | |
| 2. O caminho da prostituição | 36 |
| <i>Práticas do namoro ímpio que normalizamos nas igrejas</i> | |
| 3. Deus fez você para casar | 68 |
| <i>O casamento como único padrão de relacionamento íntimo</i> | |
| 4. Quando eu posso começar a namorar? | 97 |
| <i>Cinco argumentos contra o namoro precoce</i> | |
| 5. Pare de desperdiçar sua solteirice namorando | 132 |
| <i>O que todo jovem precisa saber sobre eunucos e celibatários</i> | |
| 6. Não misture a família da fé | 166 |
| <i>Uma teologia bíblica do casamento com descrentes</i> | |
| Perguntas e respostas | 190 |
| Sobre o autor | 207 |

Prefácio

Aos 16 anos, quando eu ainda não havia conhecido o Senhor Jesus, ingressei no meu primeiro relacionamento. Minha realidade familiar não vivenciava o evangelho, e as ideias que tinha sobre namoro se resumiam aos filmes e romances para jovens adultos que consumia freneticamente. Não precisamos nos estender demais no assunto para concluir que tinha tudo para ser um fracasso. E foi.

Enquanto ainda não havia sido convertida ao Senhor, tudo parecia certo. Mesmo comprometida com outro rapaz, *casamento* era o tipo de coisa em que eu só pensaria depois de completar a graduação. Ou um mestrado, quem sabe? O matrimônio não era sequer uma ideia para nós dois. Filhos? Atrasam a vida. São o tipo de coisa que você pensa em fazer depois dos trinta — e depois de cumprir a lista de sonhos que, com certeza, incluem coisas como viajar muito e curtir a vida ao máximo. Namoraríamos por tempo indeterminado. Namoraríamos “para ver no que vai dar”. Namoraríamos para nos conhecermos e, se nada desse certo ou nos encontrássemos infelizes, terminaríamos. Se percebêssemos que o que o outro desejava para si estivesse muito distante daquilo que queríamos para nós mesmos, sem qualquer tipo de aliança

solene, seguiríamos a vida separados. Cada um realizaria as próprias vontades. Nenhum sacrifício valeria a pena para abalar a autossatisfação. Resumidamente, usávamos um ao outro para benefício pessoal até que nos cansássemos disso.

Foram quatro anos assim, até o meu encontro com o Senhor Jesus.

Não o estava buscando intencionalmente, tampouco me considerava atea, mas a sensação desse encontro foi parecida com a de Paulo no caminho a Damasco. Súbita e maravilhosamente, as escamas dos meus olhos caíram e eu soube que não prestava. Tudo estava errado. Passei a me dedicar a descobrir o que precisava mudar, e logo entendi que Deus tinha algo puro e verdadeiro para o meu futuro. Soube, entre muitas outras coisas, que aquilo que estava diante de mim era muito mais valioso do que qualquer coisa que já tivesse vivenciado, e sem demora terminei o namoro.

Conforme ia conhecendo as Escrituras a verdade se abria diante de mim, e cresceu o desejo de ter uma família que pudesse ser um lugar onde Jesus é glorificado. Como funciona um lar cristão? Como seria crescer em uma família assim? Como seria viver desde a infância as verdades sobre a fé, sobre o futuro e sobre Deus? Queria isso para os meus filhos. Queria isso para mim — e, com a graça de Deus, tenho vivido o começo dessa realidade com meu esposo e minha filha.

Com o passar do tempo, pude vivenciar a vida em comunidade com irmãos e irmãs na igreja local e compartilhar de boas conversas na internet com gente de toda parte. Esses relacionamentos me fizeram perceber que os assuntos relacionados a solteirice, namoro, noivado e casamento geravam inúmeras inseguranças e dúvidas nas pessoas. Nesse turbilhão de novidades em que a vida no evangelho me inseriu,

observei que muitos irmãos e irmãs se encontravam perdidos em meio às suas emoções e à responsabilidade da escolha da pessoa com quem passariam grande parte da vida e formariam uma família. Pude notar que muitas pessoas insistem em fazer escolhas emocionais — não raro enganando a si mesmas afirmando que são escolhas espirituais — e esquecem-se de atentar ao que verdadeiramente importa.

Também vejo que muitos irmãos e irmãs enfrentam problemas relativos à santidade no período que antecede o casamento. Vivemos tão imersos na cultura de nosso tempo que experienciamos a vida fazendo escolhas mais conectadas com a contemporaneidade que com os ensinamentos das Escrituras. Vivemos relacionamentos que deveriam ser para a glória de Deus esquecendo-nos de perguntar ao Criador o que *ele* pensa dos limites que estamos cruzando, muitas vezes ingenuamente. Usamos as pessoas para suprir nossas carências emocionais sem a noção de que no casamento deveríamos viver uma vida de sacrifícios. Namoramos não objetivando o casamento. Não pode ser assim.

É por isso que a mensagem deste livro é tão importante. O que você tem em mãos é uma ferramenta poderosa capaz de ampliar os seus pensamentos sobre como tem vivido e se relacionado com o assunto do namoro. Pode ajudar você, também, a aconselhar pessoas que estão enfrentando dúvidas e inseguranças no coração e contribuir positivamente para a edificação do corpo de Cristo.

Não sou uma pessoa que possui muitos relacionamentos com pessoas influentes, mas encontrar nesse meio Yago Martins e sua esposa, Isa, foi uma grata surpresa ao meu coração. Além de abençoar nossa família com os conteúdos teológicos que publica, ele nos abençoa com sua amizade.

Posso dizer, pessoalmente, que o coração humilde do meu irmão em Cristo nos constrangeu todas as vezes que nos assentamos à mesa com seu cuidado e preocupação. Esse mesmo zelo que Yago carrega ao instruir a igreja, zelar pelos amigos e cuidar de suas ovelhas é encontrado nas páginas deste livro. Aprecio seus pensamentos sobre o assunto, e minha oração é para que esta obra edifique a sua vida e a daqueles que escutarem essa mensagem através de você.

Obrigada por tanto, querido amigo.

ROBERTA VICENTE
Discípula. Esposa. Mãe.

Introdução

Era o fim do culto de oração. Normalmente, após um tempo coletivo de louvores e meditação, nós nos dividimos em grupos menores para pedidos de oração mais íntimos. Meu grupo tinha terminado de orar, e enquanto eu levava minha cadeira de plástico para a pilha que ficava dentro do prédio da igreja, aquela senhora me chamou para fazer uma pergunta. Era a mãe de um dos adolescentes da comunidade. A pergunta foi direta como uma bala, e o volume da voz indicava a total ausência de constrangimento: “Pastor, com que idade meu filho vai poder começar a beijar na boca?”.

Conversar sobre namoro é importante para todos os crentes. Por mais que soe tema juvenil, todos estamos relacionados com a vida de jovens solteiros que precisam ser instruídos no caminho da fé. Talvez você seja um irmão ou uma irmã da igreja envolvido com discipulado e que terá de falar sobre relacionamentos para crentes mais jovens. Isto é, terá de exortar, consolar e ensinar de acordo com uma visão madura dos relacionamentos. Assim como Paulo disse que as mulheres mais velhas deviam “ensinar o que é bom” e “instruir as mulheres mais jovens a amar o marido e os filhos” (Tt 2.3-4), também nós devemos instruir os que são solteiros no caminho para se tornarem casados que amarão sua família.

Ou, quem sabe, você seja um pai ou uma mãe que um dia terá de instruir seus adolescentes — talvez com dúvidas sobre a idade ideal para começar a beijar na boca. Infelizmente, não é incomum que alguns pais instrua muito mal seus filhos no caminho da pureza, mesmo quando os filhos congregam em ambientes saudáveis e bíblicos. Talvez seu filho precise ouvir do pai ou da mãe instruções amorosas e cuidadosas, mais relacionais do que um livro é capaz de ser. Assim, as letras frias podem ser temperadas com o amor familiar.

Ou, ainda, você pode ser um solteiro que planeja começar um relacionamento amoroso ou alguém que já vive aquilo que nossa cultura chama de namoro. Assim, espero que você possa avaliar o modo como pretende viver ou já tem vivido a cultura do namoro. Talvez algo neste livro irrite você, mas peço que julgue tudo pela Palavra e pela sabedoria santificada. Tenho certeza de que a Palavra é suficiente para vivermos tudo o que diz respeito à fé e à piedade. De qualquer modo, este livro se destina a todos os crentes. Leigos e pastores, jovens e idosos, pais e filhos. Espero que todos possam fazer uma boa leitura.

“Pastor, com que idade meu filho vai poder começar a beijar na boca?”, aquela mãe perguntou. Tentei responder com o tom mais amoroso possível: “Querida, a pergunta por si só já está errada”. Nas próximas páginas eu pretendo mostrar o porquê.

1

Namoro não existe

*Resgatando o padrão de
relacionamento cristão*

“Mamãe, como nascem os bebês?” Se você tem filhos, provavelmente já tremeu diante dessa pergunta. Você deve ter respondido uma versão amenizada do processo científico de fecundação: o papai põe uma sementinha na barriga da mamãe, que cresce e então nasce. Coisas importantes possuem processos importantes.

Mas e se seu filho de quatro anos mudar um pouco a pergunta? Ele pode perguntar: “Mamãe, como nascem os casamentos?”. Talvez você tenha de pensar um pouco mais, mas provavelmente responderá com uma fórmula cultural muito moderna: duas pessoas vão se apaixonar, começar a namorar, noivar e então casar. É provável que, se você cresceu na igreja, esse tenha sido seu processo. Caso não, você pode ter casado com base em uma série de atitudes que, na época, ofenderam a Deus: aplicativos de relacionamento, pegação, sexo antes do casamento, morar juntos sem se casar, gravidez indesejada etc. Seja como for, os processos são parecidos. Vocês se conhecem, acabam interessados um no outro de alguma forma, criam algum tipo de compromisso prévio com liberdades variadas, e então contraem matrimônio.

Mas sempre foi assim? Aliás, sempre é assim? Ou melhor, sempre deve ser assim?

Uma breve história do namoro (breve mesmo, para não ficar chato)

Pode ser que não seja novidade para você o fato de que o namoro como o conhecemos não foi o padrão relacional que imperou na história do mundo. Se você olhar para sua Bíblia ou mesmo para outras culturas, deparará com formas muito variadas de criar casamentos.

Em sociedades primitivas e tribais, mulheres eram tomadas de outras tribos através de invasão e captura. As mulheres não se casavam porque se apaixonavam por um jovem galanteador, mas porque os guerreiros de sua tribo haviam perdido a guerra contra uma tribo mais poderosa.

No judaísmo antigo, o padrão eram os casamentos familiares. Os pais definiam com quem o filho ou a filha iria se casar visando a manutenção da pureza da família. Em Gênesis 24, por exemplo, Abraão manda o encarregado da administração de seus bens ir buscar uma esposa para Isaque, seu filho. Isaque só conhece Rebeca no dia do casamento, sem nunca terem se visto antes.

É verdade que no judaísmo havia a cultura do “noivado”, mas já se tratava de um casamento, ainda que sem a consumação carnal. Um casal de “noivos” não noivava no sentido moderno. Já eram tidos como casados. Se pensarmos em José e Maria, por exemplo, veremos José planejando um divórcio, mesmo sendo ainda noivo.

Em culturas árabes, encontramos — ainda hoje — vários casamentos arranjados. Por motivos financeiros ou outras questões, pais entram em acordo e decidem casar seus filhos, que, em obediência aos pais, casam-se com a pessoa escolhida por eles, não tendo qualquer participação no processo decisório.

No período medieval na Europa, o amor começou a ganhar destaque como resposta aos casamentos arranjados, dando início ao que se chama de “cavalheirismo medieval”, em que se usavam serenatas e poesias para conquistar o coração da amada. Foi um tempo em que a castidade era grandemente valorizada.

A partir daí, teve início a cultura do cortejo. Muitos livros contam a história do cortejo desde o século 18 até hoje. Nessa época, não convinha que um homem fosse visto sozinho com uma moça, por isso havia algum tempo de interesse distante e silencioso até que um cavalheiro interessado fosse formalmente apresentado por alguém a uma dama e propusesse levá-la até a casa dela após algum evento social. Provavelmente, ele lhe entregaria um cartão, e ela decidiria se o chamaria ou não. Se ela recebesse vários cartões, poderia escolher um dentre eles. Existia até a figura da “alcoviteira”, geralmente uma prima, irmã, tia ou amiga da moça, que ficava responsável por marcar os encontros, levar as cartinhas, e assim por diante.

Assim, antes do século 20, o processo de cortejo havia se estabelecido do seguinte modo. Um casal interessado passaria tempo junto para se conhecer, visando sem sombra de dúvidas um casamento. Em geral, seriam membros de uma mesma comunidade. Todo o galanteio se dava na casa da mulher, e ambos estariam sempre acompanhados de alguém da família dela. Se o namoro progredisse, então o casal ganharia o direito de se sentar na varanda da frente da casa, sem tanta supervisão. Claro que existia sexualidade antes do casamento e permissividades variadas entre as famílias, mas o cenário cultural era diferente. Em geral, o que os casais podiam fazer era dar leves toques ou beijos nas mãos do outro — nem mesmo o beijo no rosto era culturalmente aceito.

De acordo com os historiadores, duas coisas mudaram profundamente a cultura de cortejo no mundo. Em primeiro lugar, a invenção do automóvel em meio ao avanço da cultura do entretenimento, que levou o cortejo dos locais privados para lugares públicos, mas desacompanhados de familiares. Em segundo lugar, a revolução sexual que se iniciou na década de 1930 e alcançou seu apogeu nos anos 1960, quando o mundo mudou sua forma de interpretar a sexualidade. O lema passaria a ser: faça amor, não faça guerra. Por mais que o pecado sexual sempre tenha existido, agora ele se tornaria parte do caminho culturalmente normal para chegar ao casamento.

O pecado se tornou quase uma necessidade cultural. Se o adolescente diz que deseja casar virgem, ouve zombarias dos colegas de escola. Para nossa cultura, não se casa com quem ainda não se fez sexo. Seria um absurdo, dizem. E sem ter beijado? Coisa de fanático religioso digno de internação. A cultura tenta nos convencer de que antes de casar é bom morar junto um tempo, fazer *test drive* e experimentar de antemão tudo o que seria próprio do casamento.

A verdade é que existem muitas liberdades no modo como as culturas interpretam o relacionamento entre um homem e uma mulher com fins de casamento. Muitas práticas que rejeitamos, nós só rejeitamos por causa de nossa cultura, não por causa de nossa teologia. Não encontramos condenações bíblicas aos casamentos arranjados da cultura árabe, ou aos casamentos familiares da cultura judaica. Só consideramos essas práticas um tanto esquisitas porque fomos educados em fortes ideais de individualidade e democracia. Elas ofendem nossa cultura, mas não são necessariamente formas condenáveis, à luz da Bíblia, de pensar a

busca por matrimônio. Outras práticas, sim, são claramente condenáveis — como culturas de rapto de mulheres decorrente da invasão de outras tribos. Uma vez, contudo, que nossa preocupação é com a nossa cultura, não pretendo discutir a fundo os desafios particulares das culturas judaica ou árabe.

Mas e o namoro moderno? Nós, como crentes, sabemos que não podemos nos envolver em muitas das práticas tidas como normais de namoro. Em geral, igrejas entendem que não se deve fazer sexo antes do casamento e que não se deve morar juntos antes de casar (por mais que muitos façam sexo e praticamente vivam na casa do outro). Não podemos namorar como o mundo namora, certo?

Certo.

Mas onde fica o limite entre a cultura de namoro mundano e a cultura de namoro que honra a Palavra de Deus?

O que nós precisamos fazer é avaliar o *namoro*, a forma como todos nós fomos ensinados que é a natural e comum para encontrar um marido ou esposa, e verificar se podemos incorporar toda essa cultura do namoro (como algo totalmente positivo), se precisamos reavaliar o modo como namoramos (ficando com o que é positivo e rejeitando práticas negativas) ou se precisamos abandonar definitivamente o namoro e assumir algum outro tipo de instituição para que solteiros procurem se casar (tratando o namoro como algo maligno e pecaminoso por si só).

Para isso, precisamos definir o que a Bíblia diz sobre namoro, solteirice e preparação para o casamento. Será que existe um modo correto de definir como os relacionamentos começam? O que são práticas apropriadas para o namoro, e o que são práticas pecaminosas?

Como as pessoas se casavam na Bíblia?

Talvez você se espante com o que vou dizer, mas quando lemos toda a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, somos constrangidos com o seguinte fato: namoro não existe. Claro, muitas coisas não existem na Bíblia, e nem por isso deixam de existir na realidade. É óbvio que carros existem, ainda que não sejam mencionados em nenhuma carta do apóstolo Paulo. Namoros existem, e eu mesmo conheço vários. O que quero dizer é que, no modo como a Palavra de Deus interpreta a preparação de homens e mulheres para o matrimônio, não consta algo semelhante ao namoro moderno.

Na Bíblia, só existe solteirice e casamento — o noivado era uma prática cultural do judaísmo que já configurava um casamento. O relato da criação do homem e da mulher estabelece muito sobre casamento, mas pouco sobre namoro e cortejo. Lemos que “o homem deixa pai e mãe e se une à sua mulher, e os dois se tornam um só” (Gn 2.24). Adão era solteiro, então Adão era casado. Não existe meio-termo. E esse é um fato ao longo de toda a Bíblia. Ou uma mulher é sua esposa ou ela não é. Ou um homem é seu marido ou ele não é.

Se as coisas são assim, então como é que devemos nos casar? Eu encontro uma moça, peço em casamento e, na semana seguinte, fazemos uma festa e passamos a morar juntos? Na Bíblia, ou os pais decidiam ou homem e mulher se interessavam um pelo outro por algum motivo e então se casavam. Simples assim. Havia processos familiares e questões de dote, mas, em resumo, um homem solteiro e uma mulher solteira contraiam matrimônio e pronto.

O namoro, por sua vez, é uma etapa diferente numa cultura como a nossa, de profunda liberdade individual. Uma vez